

# O PAI DA ESCRAVA

COMEDIA DRAMA

EM UM ACTO

ORIGINAL DE

M. J. VALLADÃO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO CON-  
GRESSO DRAMATICO FLUMINENSE



RIO DE JANEIRO

A' venda na livraria e encadernação de  
A. PONTES & YTURRI

EDITORES.

Rua Theophilo Ottoni 435 e rua da Misericordia 2

B.P.  
869.23 1881

AL  
124

## PERSONAGENS

Commendador Antelmo de Souza.

Carlos.

Juvenal.

Geraldo, traficante de escravos.

Calisto, moleque.

Laura.

A scena passa-se em uma fazenda da provincia  
do Rio de Janeiro .

MEC - DAC - SNI

Divisão de Documentação

DOAÇÃO DE

*1911/71*  
*ROCHA 1911/71*

# O PAI DA ESCRAVA

## ACTO UNICO

scena representa uma sala bem mobiliada, secretaria, sofá, cadeiras, etc.

### Scena I

#### COMMENDADOR E GERALDO

COMMENDADOR

Poderei caso queira, ceder-lhe tambem os escravos de que me fallou o mez passado.

GERALDO

Posso ficar com elles tambem; necessito actualmente de um *rancho*, afim de os remetter para uma fazenda.

COMMENDADOR

Para uma fazenda!... e será muito distante d'aqui?

GERALDO

E' no centro de Minas.

COMMENDADOR

Talvez possamos fazer um outro negocio.

GERALDO

Estou sempre prompto.

COMMENDADOR

Pensarei ainda sobre elle.

**Scena II**

**OS MESMOS E CALISTO**

**CALISTO** (*a porta e aparte*).

Chi home feio tá hi (*ao commendador*). Abença  
sinhô.

**COMMENDADOR**

O que é ?

**CALISTO**

Seu Juvenal tá ahi e qué falá a seu commen-  
dadô.

**COMMENDADOR** (*aparte*)

Juvenal ! o que me quererá esse homem ?

**GERALDO**

Se o encommodo voltarei mais tarde

**COMMENDADOR**

Não senhor Geraldo (*a Calisto*) Onde está elle ?

**CALISTO**

Elle não veio não sinhô, mandou só recado

**COMMENDADOR**

Com licença Sr. Geraldo (*sahe*)

**Scena III**

**CALISTO E GERALDO**

**CALISTO** (*aparte*)

Ué ! sinhô vai fazé negocio com este home...  
abre zolho seu Calisto.. que elle pode vendê voce

**GERALDO** (*examinando-o*)

Boa fazenda ! como te chamas?

CALISTO

Calisto sim sinhô.

GERALDO

Deixa ver os dentes.

CALISTO (*desapontado*)

O sinhô está enganado, Calisto não se vende não sinhô, Calisto é muleque de sinhô moço e elle não deixa vendê Calisto não sinhô.

GERALDO

Então não queres ser meu escravo?

GERALDO

Não sinhô.

GERALDO

E porque?

CALISTO

Porque não quero.

GERALDO

Havemos de ver isso.

CALISTO

Qual! eu valho muito dinheiro, muito cento de mil réis (*com riso*) e depois sinhô moço gosta de mim.

GERALDO, (*levantando o rebenque*)

Insolente!

CALISTO (*jogando capoeira*)

Cuidado, seu home, olhe que sinhô moço diz que ninguem póde dá em Calisto.

GERALDO

Eu te ensinarei mais tarde. (*sahe*).

**Scena IV**

CALISTO, só

La vai elle zangado .. aquelle home já devia estar no inferno. Todas as vezes que vem aqui leva os parceiros de Calisto, e as namoradas também, malvado! quando a gente vae tendo amô, vem elle e rouba a ventura da gente, como diz sinhá Laura, (*Olhando para dentro*). Ahi vem nhosinho, tá triste, já não brinca com a gente, (*Carlos entra*). Abença, sinho moço.

**Scena V**

CARLOS E CALISTO.

CARLOS, (*entra pensativo*.)

Ah! és tu, Calisto.?

CALISTO.

Sim sinhô, sou eu (*aparte*) stá com cara de defunto morto.

CARLOS.

Onde está meu pai?

CALISTO.

Foi la dentro vê seu Juvenal.

CARLOS.

Juvenal! E o que quer elle?

CALISTO.

Eu não sei não sinhô .. Seu Geraldo tá aí também, elle diz que me quer comprá.

CARLOS

Comprar-te ! miseravel.

CALISTO

Eu disse que sinhô moço não me queria  
endê, e elle disse que hia fallá a seu commen-  
adô.

CARLOS

Deixa-o, meu pai não fará tal cousa. Onde  
stá Laura.

CALISTO

Stá engommando a roupa de sinhô commen-  
adô.

CARLOS

Vai dizer-lhe que desejo fallar-lhe.

CALISTO

Sim sinhô. (*aparte*) Sinhô moço stá gostando  
muito de sinhá Laura ! Uê gentes (*sahe*).

### Scena VI

CARLOS, só.

Pobre Laura, não sei como comprehender o  
amor que lhe consagro... e se ella me amasse  
tambem?... pobre Laura ; bella, intelligente e  
branca como a neve e no entanto é uma es-  
rava... e o que importa ! acaso os bons senti-  
mentos só tem pousada nesta nossa raça que se  
faz livre e as vezes é mais captiva do que os  
proprios escravos ? Acaso esses desgraçados não  
terão tambem filhos de Deus ! ? Pobre Laura !  
Aqui trago os seus versos... Será possivel que  
um coração que não fosse nobre lavrasse estas  
verdades?... não ! de certo que não ! (*pausa e lê*).

filha de commenda  
de apressado por

uma  
usava branca  
Laura

« Que importa a vida quando ella é cheia  
De tantos martyrios e sofrimentos tantos !  
Os ricos folgam nos sarãos esplendidos  
Ao pobre coitado só lhe restam prantos.

Perdi meus pais no verdor dos annos  
Quando sonhava um porvir ditoso  
Assim fiquei neste mundo insano  
Sem ter ao menos, nem si quer um goso.

E qual florinha a quem o vento rijo  
Arrancou da hastea, arrojando ao pó ;  
Assim fiquei neste mundo triste  
Nutrindo a alma pelo martyrio e dó. »

(Pausa)

*passa*  
*set-* E é uma escrava que falla !... O' meu I  
porque não derramaes os orvalhos de tua  
mencia, sobre esses desgraçados que atravessam  
esta vida tão cheia de sofrimentos! *(fica pen-*  
*tivo)*

### Scena VII

CARLOS e LAURA

LAURA (entrando.)

Chamou-me Sr. Carlos ?

CARLOS.

*levantar* Laura ! para que me daes esse tratamento ?

LAURA.

Não é esse o meu dever ?

CARLOS.

Dever !... acaso entre dous irmãos poderá  
haver esses falsos tratamentos.



« Que importa a vida quando ella é cheia  
De tantos martyrios e sofrimentos tantos !...  
Os ricos folgam nos sarãos esplendidos  
Ao pobre coitado só lhe restam prantos.

Perdi meus pais no verdor dos annos  
Quando sonhava um porvir ditoso  
Assim fiquei neste mundo insano  
Sem ter ao menos, nem si quer um goso.

E qual florinha a quem o vento rijo  
Arrancou da hastea, arrojando ao pó ;  
Assim fiquei neste mundo triste  
Nutrindo a alma pelo martyrio e dó. »

(Pausa)

*Chama-se*  
E é uma escrava que falla !.... O' meu Deus  
porque não derramaes os orvalhos de tua cle-  
mencia, sobre esses desgraçados que atravessão  
esta vida tão cheia de sofrimentos! (fica pensa-  
tivo)

## Scena VII

CARLOS e LAURA

LAURA (entrando.)

Chamou-me Sr. Carlos ?

CARLOS.

*entra* Laura ! para que me daes esse tratamento !

LAURA.

Não é esse o meu dever ?

CARLOS.

Dever !... acaso entre dous irmãos podera  
haver esses falsos tratamentos.

LAURA

Porém o Sr. Commendador.

CARLOS

Meu pai é cruel, bem o sei ; porém nós estamos sós (*pausa*) Laura estas triste, senta-te, o que tens? *sent.*

LAURA

Póde-se estar alegre quando se vê em casa o espirito do mal, póde-se estar alegre quando se vê uma ave de rapina prestes a levar a innocensiva presa, póde-se porventura ser-se feliz quando se esvaem as nossas consolações das horas de agonia.

CARLOS

Não sei do que fallas ? !

LAURA

De quem poderei fallar a não ser desse misero que veio hospedar-se nesta casa; dessa fêra que nos vem roubar mais alguns companheiros de infortunio, desse homem sem consciencia, que vem buscar-nos a mãe e o pai, deixando-nos o filhinho por não lhe fazer conta leval-o em sua companhia, dessa fêra que nos vem arrancar do lado de nossa mãe quasi morta, para levar-nos ao mercado. Oh ! é impossivel que esses homens não sejam amaldiçoados por Deos. *tragicante*

CARLOS

Insultas meu pai ! Laura. *lent.*

LAURA

Acaso poderei fazer tal cousa, e se isso pretendesse, tinha plena certeza de que as minhas

palavras não chegariam até elle. E depois o Sr. Commendador está no seu direito; elle é o senhor e nós os escravos, obedecemos.

CARLOS

-Não sejas tão cruel para com elle !

LAURA

Cruel ! poderei ser cruel para com o meu senhor ? é impossivel. Não me deu elle sempre bons tratos, não me fez elle na infancia todas as vontades, não me collocava sempre ao vosso lado para aprender o que os mestres ensinavão ? Se pôde haver alguma censura tão-sómente em consentir elle que fosse cultivada a minha intelligencia a ponto de comprehendere a minha posição de escrava.

CARLOS

Laura ? a que vem estas tuas palavras não posso comprehender.

LAURA

É facil, Sr. Carlos ; perguntou-me porque estava triste e eu respondi-lhe que trazia a dor no coração ao vêr chegado mais um dia de martyrios, vendo derramarem-se as lagrimas de um irmão ao separar-se d'aquelles que lhe são caros.

CARLOS

Laura, bem sabes que tambem fico penalizado ante essas scenas ! e mais de uma vez tens visto o odio com que trato todos os adeptos dessa causa... Deixemos por momentos estes incidentes que tanto te affligem e pensemos no futuro, na nossa felicidade.

Felicidade  
Carlos, a  
essas b  
compreh  
certo qu  
vras.

E porq

Porqu

Laura

me te a

em tod

os se a

u a raz

cham

am a le

O Sr.

Veio s

em o se

a prov

Sinbó

em ahi

Até lo

na  
educa

Consciência

LAURA

Felicidade, futuro; se não estivesse, Sr. Carlos, acostumada desde a infancia a ouvir as vossas bondosas palavras, se de ha muito não comprehendesse o vosso generoso coração, de certo que tomaria por um gracejo as vossas palavras.

CARLOS

E porque ?

LAURA

Porque um abysmo nos separa, Sr. Carlos. ←

CARLOS

Laura, tenho-te confessado mais de uma vez que te amo; e só isso seria bastante para lutar com todas as difficuldades e sacrificios que ante os se apresentassem. O amor que te consagrei a razão que m'o inspirou. Há pouco ouvi dizer que Juvenal tinha vindo á nossa casa; Achamma do ciume apoderou-se de mim só com a lembrança de que elle seria um rival.

LAURA (*com interesse*).

O Sr. Juvenal veio cá ?

CARLOS

Veio sim, não sei a que proposito, e tu o amas, bem o sei, porém lembra-te que meu pai o odeia, e a prova disso já o tivestes ha dous annos.

CALISTO (*entrando*).

Sinhô moço, sinhô moço, seu commendado vem ahi.

LAURA

Até logo Sr. Carlos. *S. A.*

CARLOS, (*beijando-lhe a mão*)  
Ate logo, (*Laura sahe.*)

### Scena VIII

COMMENDADOR, CARLOS e CALISTO.

COMMENDADOR, *vendo Laura sahi*  
(*aparte*).

Sempre a mesma cousa (*alto*) Carlos.

CARLOS.

Meu pai.

CALISTO, (*aparte*.)

Seu Juvenal pedio para eu espiá seu commenda-  
dadôr por isso Calisto está com o olho ficho.

COMMENDADOR, *a Calisto*.

*Retira-te.*

CALISTO.

Sim sinhô (*aparte*) é agora como hade s  
espera que eu ja te arranjo (*sahe*.)

CARLOS.

Ordena-me alguma couza, meu pai ?

COMENDADOR.

Ordens não te tenho a dar meu filho, o que  
desejo pedir-te é um favor.

CARLOS.

Eu o escuto.

COMMENDADOR.

Carlos, se teu pai tivesse necessidade de teu  
auxilio, talvez mesmo com o sacrificio de tua

elicidade, responde-me, Carlos com franqueza, serias capaz de salvar teu pai sacrificando-te.

CARLOS.

Oh ! falle meu pai.

COMMENDADOR.

Não te assustes, trata-se tão somente de uma resolução que tomei, a qual irá por momentos perturbar os teus projectos, porem acredita-me que se ella te traz desgostos, os que me tocam, são ainda maiores.

CARLOS.

Não posso antever a resolução tomada por meu pai, mas a julgar pelo modo porque está fallando, bem demonstra ser de summa importancia. Dar-se-ha o caso que algum prejuizo.

COMMENDADOR

Não, pelo contrario, trata-se de ganhar algum dinheiro mas para isso é de necessidade que estejas separado de mim por algum tempo.

CARLOS.

E com que fim ? !

COMMENDADOR.

Com o fim de ires a Lisboa e a Londres, onde deveres commerciaes obrigam-me a mandar um homem de minha confiança.

CARLOS.

Admira-me deveras a vossa resolução, pois que ainda hontem haviamos combinado...

COMMENDADOR

O que não vem ao caso agora lembrar.

CARLOS (*com resolução*).

Tem razão, hontem combinavamos de veres de honra, e da minha felicidade e agora tratamos tão somente de interesses commerciaes.

COMMENDADOR

Carlos!

CARLOS

Meu pai.

COMMENDADOR

Não sei a que attribuir esse modo porque me está fallando.... Prepare-se para seguir viagem no vapor que sahe no dia 24.

CARLOS

Consinta meu pai que lhe faça ver que estamos a 22.

COMMENDADOR

E a que vem essa lembrança! não lhe bastão dous dias?

CARLOS

A mim bastaria de sobra senhor, mas devo comprehender que tenho amigos.... compromissos.

COMMENDADOR

Eu os saldarei a todos.

CARLOS

Nem todos os deveres se podem saldar com o poder do ouro, meu pai. Um compromisso de honra jamais pôde desapparecer ao som desse metal e um desses compromissos eu o tenho meu pai.

COMMENDADOR

Um compromisso de honra ? !

CARLOS

Sim meu pai. Amo uma mulher e jurei a mim mesmo que ella seria minha esposa, esperava tão somente uma palavra dessa joven para supplicar-lhe a minha ventura; já vê, meu pai, que seguir para uma viagem de tempo indeterminado e tão precipitadamente é quasi impossivel para mim, sem que primeiramente leve em meu peito ou uma esperança ou uma desillusão.

COMMENDADOR.

E quem é essa mulher ?

CARLOS

E' aquella que até aqui tem sido minha mãe.

COMMENDADOR

Oh ! calle-se (*aparte.*) Não me enganava.

### Scena IX

OS MESMOS, GERALDO e CALISTO.

GERALDO

Póde-se entrar ?



COMMENDADOR.

Pois não. Sr. Geraldo (a Carlos.) Preciso estar só com este senhor e lembre-se que é irrevogavelmente no dia 24.

Carlos. (comprimenla-o e sahe.)

CALISTO (a porta a Carlos)

Eu escutei tudo, seu Juvenal já sabe e que fallá a sinhô moço (sahe com Carlos)

GERALDO.

Pois é verdade Sr. Commendador tenho andado visitando toda a sua fazenda e digo-lhe que cada vez vai a melhor. Os escravos que não são lá grande cousa, salvo algumas peças nas quaes ainda se pode arriscar algum dinheiro. A proposito, V. S. já pensou no nosso novo negocio ?

COMMENDADOR.

O Sr. disse-me ha pouco que necessitava de alguns escravos, assim de os remetter para uma fazenda em Minas.

GERALDO.

Assim é.

COMMENDADOR.

Desejava eu propor-lhe um negocio, que embora seja apparentemente de toda a legalidade pecca no entanto pelo lado moral.

GERALDO (com intenção)

Comprehendo o Sr. Commendador deseja.

COMMENDADOR.

Desejo desfazer-me de alguns escravos, dos quaes jamais me deveria affastar, motivos ha que a isso me obrigão e ...

GERALDO.

De perfeito accordo, não vejo no negocio inconveniente algum. V. S. bem sabe que eu em nada aprecio o moral dos meus negocios.

COMMENDADOR.

Com franqueza lhe fallei, mas fique certo que de antemão contava com o seu assentimento.

GERALDO.

Obrigado pelo cumprimento. E quaes são os escravos.

COMMENDADOR.

Dar-lhe-hei uma relação.... entre elles irá a Laura.

GERALDO.

Laura?! ||

CALISTO (*que tem estado espiando*) ||

Ué! sinhô comendadô qué vendé sinha Laura? vou ja dizê tudo a seu Juvenal. ||

COMMENDADOR (*a Geraldo.*)

Admira-se,

GERALDO.

Nada me pode admirar Sr. Commendador, apenas um ligeiro espanto ao ver que V. S. deseja desfazer-se de uma rapariga que até aqui tem sido tratada como sua filha. || ←

COMMENDADOR.

Minha filha ! ?

GERALDO

Como filha, sim senhor, e francamente, não so mo dava apostar o dinheiro que lhe con-  
liei esta manhã, em como essa rapariga é o  
fruto de algum dos seus erros da mocidade.

COMMENDADOR.

Sr. Geraldo !

GERALDO (*rindo*)

Ah ! Ah ! Ah ! O Sr. commendador esque-  
ce-so que eu sou negociante de escravos...  
conheço a fundo os mysterios da vida dos  
senhores para com os escravos. Sei perfeita-  
mente o que são estas cousas ! algumas ve-  
zes me tem succedido o mesmo. Porem isto  
não vem ao caso; pelo preço dos outros fico  
lhe com ella tambem, e querendo incluir  
neste numero o moleque Calisto, será um fa-  
vor especial.

COMMENDADOR.

Faz-lhe interesse o moleque ?

GERALDO

Interesse não, mera curiosidade e nada  
mais.

COMMENDADOR.

Estamos combinados, depois de jantar for-  
mularemos a escriptura de venda.

CALISTO (*entrando*)

Sinhô commendadô, seu Juvenal vem ahi  
para fallá com meu sinhô.

COMMENDADOR (*aparte*)

Juvenal, sera possivel!

GERALDO.

E' conveniente retirar-me, até logo (*sahe.*  
*Calisto depois de Juvenal entrar sahe*)

### Scena X

COMMENDADOR e JUVENAL

COMMENDADOR.

Ainda o senhor! o que deseja de mim?

JUVENAL.

Pouca couza Sr. commendador, pouca couza.

COMMENDADOR.

Sente-se e seja breve.

JUVENAL:

O que não é possivel. A historia é um tanto longa, mas desde já lhe asseguro ser ella interessante. (*indica as portas.*) Peço-lhe que feixe estas portas para que ninguem nos venha interromper, a historia emana de interesse seu e sendo assim é necessario haver todo o segredo.

COMMENDADOR.

Admira-me tanto cynismo.

JUVENAL.

Exactamente o que lhe disia ha dous annos quando protestava-lhe a minha innocencia.

COMMENDADOR (*aparte*).

Não sei como livrar-me deste homem.

JUVENAL

V. S. deve recordar-se que ha quatro annos vim para a sua casa recommendado por um seu intimo amigo.

COMMENDADOR (*impaciente*).

A que proposito?

JUVENAL

Um pouco de paciencia, Sr. commendador. Eu tambem a tenho tido, ha dous annos que espero... Vim pois, para a casa de V. S. a fim de fazer não sei o que; nesse tempo era eu um tanto cynico no dizer de V. S. Durante dous annos fui aproveitado no seu serviço chegando á qualidade de guarda-livros e caixa de sua casa, estava bem, confesso. No correr desse tempo vi em meu caminho uma joven, que embora não fosse sua filha era no entanto tratada como tal.

COMMENDADOR.

Senhor!

JUVENAL

Repito-lhe, Sr. commendador, que se me não ouve a historia, não me responsabilizo pelas consequencias.. Gostava dessa joven, apesar do incognito do seu nascimento e da sua posição, e ella teve tambem o mau gosto de se enamorar de mim. V. S. como bom pai e muito melhor protector, oppoz-se a essa inclinação amorosa, de um modo pouco agradável para mim.

Es

O  
ada  
la q  
io ju  
ue f  
ão.  
por r  
uece

Crei  
factos

Não  
ctos, c  
desejo  
V. S. c  
memor  
minha  
encont

E en

Entã  
não pe  
a tiro  
A mini  
a differ  
zando é  
dade fui

— 23 —

COMMENDADOR (*com riso*)

Estou certo disso.

JUVENAL

O que é certo é que a caixa appareceu roubada sem haver indicios de violencia, e eu na qualidade de responsavel fui preso, levado ao jury, onde a influencia de V. S. fez com que fosse eu condemnado a um anno de prisão. Acredite Sr. commendador, que dei-me por muito feliz em ser tão pouco, V. S. esquecer-se de marcar o tempo e....

COMMENDADOR

Creio que não foi para recordar-me estes factos que aqui veio, Sr. Juvenal.

JUVENAL

Não gosto muito de recordar-me destes factos, confesso, mas para scientifical-o do que desejo era mister remontar a estes incidentes, V. S. deve estar lembrado, se não lhe falla a memoria, que ao sahir eu do tribunal apóz a minha condemnação disse-lhe que ainda nos encontraríamos um dia

COMMENDADOR

E então ? !

JUVENAL.

Então o dia chegou e venho vizital-o, não pense que desejo vingar-me a duelo, ou a tiro de espera, se assim pensar engana-se. A minha vingança devia ser igual a sua, com a differença de que o senhor mentiu abusando de sua influencia e eu fallarei a verdade fundado nas provas.

COMMENDADOR.

O que diz, senhor !

JUVENAL.

Digo que achei o meio de levar a prêmio As  
o commendador Antelino de Souza e é exatam  
mente para isso que vim dizer ao muit  
honrado senhor de escravos que afinal che E  
gou o dia de sua punição

COMMENDADOR.

E as provas ?

JUVENAL.

São poucas, mas são verdadeiras; o me  
cynismo não chegou a ponto de abrir os cofre Ol  
alheios sem o consentimento de seu dono  
nem tão pouco a fabricar. . .

COMMENDADOR

Senhor !

GALISTO (que tem estado espiando da porta.)

Uê, sinhô commendadô tá ficando incar Di  
nado.

JUVENAL.

O acaso proporcionou-me o meio de encon Qu  
trar um homem de bem que possuía umas  
letras descontadas por V. S, as quaes erã F.  
falsas.

COMMENDADOR.

Falsas !

JUVENAL.

Exactamente como as chaves que abriã Mi  
o cofre, duas letras de 5:000\$000 cada uma  
protestadas por falsidade.

— 25 —

COMMENDADOR.

Isso é falso !

JUVENAL.

As letras sim essas é que são falsas, porém o facto é verdadeiro.

COMMENDADOR.

E essas letras ?

JUVENAL.

Sucegue não estão aqui, Trago somente as copias (da-as.)

COMMENDADOR. (*examinando-as.*)

Oh ! estou perdido.

JUVENAL.

Bem deve comprehender. Sr. commendador que tenho provas de sobra, para fazer-lhe o mesmo obsequio que ha dous annos me fez.

COMMENDADOR (*afflicto.*)

Diga, senhor, diga o que deseja.

JUVENAL.

Quasi nada, senhor commendador.

COMMENDADOR.

Falle

JUVENAL.

Desejo que consinta no meu casamento com sua filha D. Laura de Souza.

COMMENDADOR.

Minha filha?...

filha



JUVENAL.

Admira-se, tambem eu me admirei e n  
ontanto é uma outra verdade.

COMMENDADOR.

O Sr. mento!

JUVENAL.

Mont' rão acaso estes papeis? (da-os.)

COMMENDADOR (reconhecendo-os.)

Oh! estou perdido (cabe n'uma cadeira).

JUVENAL.

Já vó pois Sr. commendador que quem  
manda aqui sou eu. Fique porém certo que  
não abusarei do meu poder sem que primei-  
ramente tenha empregado todos os meios de  
o salvar!.. Desejava vender d'aqui a uma hora  
sua filha, planejava desterrar d'aqui a duas  
seu filho. Dou-lhe meia hora para tornar pu-  
blico o meu pedido e o reconhecimento de  
sua filha, Advirto-lhe que os documentos que  
provão o nascimento de Laura e as letras fal-  
sas estão em poder de um amigo e se eu as  
não for pessoalmente reclamar até as 6 horas  
elle fará a entrega desses papeis a justiça.

Porém...

COMMENDADOR.

JUVENAL.

Refleta sobre a sua posição e garanto-lhe  
Sr. Commendador, sobre a minha palavra de  
honra que todo o meu odio para com o se-  
nhor, acabará no dia em que se tornar um  
hi mem de bem (sahe.)

## Scena XI

O COMMENDADOR (*vendo sair.*)

Oh! este homem mette-me medo... porém o que fazer? Reconhecer em Laura a leviedade de um amor de criança? Oh! isso não.. o que diria essa sociedade que nada perdoa?.. o que dirião os amigos se tal couza fizesse... E no entanto ella é minha filha... commetti é verdade uma falta mas não a tenho eu compensado dando-lhe o mesmo tratamento que a meu filho? e no entanto ella é uma.. (*com força*) .. é minha filha !.. Oh! meu Deus! como poderei explicar a minha posição (*pausa*).

E meu filho? o que dirá elle quando souber.... e Laura... o que lhe heide dizer quando ella me perguntar o que é feito de sua mãe, se eu não sei onde está... (*com raiva*) Oh! esto homem porque não desappareceu eu de joelhos lhe supplicasse? se não... é impossivel. e impossivel (*cahe n'uma cadeira.*)

## Scena XII

COMMENDADOR E LAURA

LAURA (*ao commendador*)  
O Sr. Juvenal disse-me que o senhor commendador desejava fallar-me.

COMMENDADOR (*admirado*)  
Eu?! (*recordando-se*) Ah! sim tens razão... sim chamei-te... senta-te.

LAURA.

Senhor !...

COMMENDADOR.

Senta-te, eu te peço (*sentão-se*) Laura, nunca tivestes saudades de teus pais ?

LAURA.

Se tenho saudades ?! Pode-se por ventura esquecer-se aquelles que nos derão o ser. ? Jamais se podera olvidar uma mãe carinhosa ! Isso é impossivel.

COMMENDADOR.

E de nós, Laura ?

LAURA.

Poderei jamais esquecer-vos, Sr. commendador. Não sei a que attribuir a vossa bondade, tendes sido para mim mais que um pai, e como poderei esquecer os vossos beneficios ?

COMMENDADOR.

Laura, se teu pai te viesse ver . . .

LAURA.

Meu pai ! ? Pois elle ainda vive ?

COMMENDADOR (*a custo.*)

Creio que sim . . . ouvi fallar d'elle é...

LAURA.

Oh ! meu Deus !

COMMENDADOR.

E o que farias se elle chegasse hoje, se viesse aqui mesmo ?

LAURA (*com tristeza*)

O que poderia fazer... nada; acaso uma escrava tem o direito de conservar ao seu lado aquelles que lhe são caros?

COMMENDADOR.

Não sejas cruel! mais de uma vez te tenho reprehendido por dizeres que és escrava.

LAURA

E não é isso uma verdade, meu senhor?

COMMENDADOR.

Oh! calla-te!.. Fallemos de teu pai... Se elle viesse hoje pedir-te perdão de suas faltas, tu o perdoarias, Laura?

LAURA.

Uma filha jamais accusa um pai, Sr. commendador.

COMMENDADOR.

E a mim, tu me perdoavas tambem?

LAURA

O que lhe posso eu perdoar, meu senhor, quando só lhe devo agradecer em me ter reservado da sorte de meus irmãos de captivo.

COMMENDADOR (*forte e agitado*)

Oh! eu não posso mais! (*ajoelha-se*) Laura! teu pai de joelhos pede-te perdão de teus soffrimentos.

LAURA.

Mou pai?!  
nca  
ura  
Ja-  
a!  
-  
e,  
e

COMMENDADOR.

Sim é teu pai que curvado ante o remorso espera para os seus crimes a tua clemencia.

L.AURA (*abraçando-o.*)

Oh ! meu pai !

(*Carlos e Juvenal apparecem ao fundo.*)

### Scena XIII

OS MESMOS, JUVENAL E CARLOS.

JUVENAL (*apontando o quadro.*)

Olhe ! . . .

CARLOS.

O que quer dizer isto, meu pae ?

COMMENDADOR.

Quer dizer, meu filho, que hoje findou a falsa posição em que estavamos collocados e que Laura a quem desejavas por esposa é . . . é tua irmã.

CARLOS (*abraçando-a.*)

Laura ?

L.AURA.

Carlos, ?

CARLOS.

Bem me dizia o coração que não nos haviamos de separar.

COMMENDADOR (*a Juvenal.*)

Sr. Juvenal, agradeço-lho o favor que me prestou e se um pobre velho pôde ser digno

da vossa compaixão por loe-me tambem o mal que lhe fiz.

JUVENAL (*apertando-lhe a mão.*)

Por quem é Sr. commendador.

COMMENDADOR (*a Laura*)

Laura, sei que amas o senhor Juvenal. Elle ha pouco pedio-me a tua mão.

LAURA.

Meu pai!

COMMENDADOR.

E' mais uma ventura.

JUVENAL.

Obrigado Sr. commendador.

COMMENDADOR.

Carlos! Procura e Sr. Geraldo e entrega-lhe este dinheiro que elle me confiou esta manhã, não venderei mais escravos.

### Scena XIV

### OS MESMOS E CALISTO

*Calisto*  
*entra* entrando ao ouvir as ultimas palavras do commendador fica muito admirado. Um genio (deixa cair uma bandeja que irazia, a louça quebra-se e elle bate de joelhos perto do commendador) mi perdeo seu commendado, mi perdoa, foi tudo do gosto.

COMMENDADOR.

Levanta-te.

CALISTO.

Eu sempre disse que sinhá Laura era mi-  
nha sinhá moça.

CARLOS.

E porque.

CALISTO.

Porque sinhá Laura é branca e só os  
pretos é que são escravos.

COMMENDADOR.

Enganas-te, ha homens que são escravos  
da ambição.

CARLOS.

E tambem ha os escravos de dever meu  
pai.

COMMENDADOR (*abraçando-o*)

Es um bom filho.

CALISTO.

E' muito bom sinhó moço, sim sinhó (*aparte*)  
Stou aqui stou home branco.



Sr.  
prestou e